

NAVEGADORES E ARTESÃOS HELENOS NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

*Alexandre Carneiro Cerqueira Lima**

Resumo:

Objetivamos compreender os contatos culturais entre helenos e etruscos por meio da circulação de cerâmica. Navegadores e artesãos helenos disseminaram técnicas e temáticas de pintura nas oficinas etruscas. Estudaremos também as representações criadas por poetas e artesãos sobre o mar e a navegação.

Palavras-chave: *viagens; comércio; colonização; artesanato; Corinto.*

O litoral do Mar Mediterrâneo (oriental e ocidental) foi ocupado, durante anos, por diferentes culturas, em diferentes níveis de complexidade. O mar foi sempre conhecido por todos e promovia, de certa forma, contatos, trocas, ocupações e mesmo hegemonias políticas. Entretanto, as sociedades ribeirinhas apresentaram respostas culturais que acentuavam a alteridade e as particularidades de cada uma. A longo prazo, verificamos que, mesmo conhecendo técnicas e organizações sociais vizinhas, cada sociedade continuava sendo, ou se considerava, ibera, celta, italiota, etrusca, romana, cartaginesa, nômada, norte-africana, egípcia, helena, palestina, hebreia, hitita, Lídia e uma infinidade de nomes que indicavam a preservação de uma identidade remota, muitas vezes cantada pela voz do velho poeta. O *aedo* cantava e tornava presente um passado mítico. Ele guardava na sua memória e repassava para a coletividade, que se identificava e, ao mesmo tempo, reconhecia as diferenças.

Nesse conjunto multicultural, na borda do mar, no VIII século a.C., os helenos aparecem organizados em cidades-Estados e a Conjuntura do período

* Prof. Dr. adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Nereida/ UFF.

arcaico (VIII-VI séculos a.C.) promove, com técnica avançada, a navegação mediterrânea e os contatos com as distintas culturas ribeirinhas. Tais contatos serão intermediados pelos rituais de hospitalidade. A hospitalidade – *xenia* – garante as trocas entre duas comunidades, consiste em um dos “pilares” do comércio (MELE, 1979). Além da formação das *póleis* (*synoecismo*) no VIII século, veremos também ocorrer o processo de colonização (SNOD-GRASS, 1986). Helenos organizam expedições e fundam colônias (*apoikiai*) em vários pontos do Mediterrâneo (GRECO, 1996, p. 10).

Este artigo tem como objetivo, portanto, apontar esses possíveis contatos na esfera cultural, privilegiando as viagens de comerciantes e de artesãos coríntios no período arcaico (VIII-VI séculos a.C.). As viagens desses comerciantes, navegadores, colonizadores e “piratas” proporcionaram o reconhecimento dos espaços e das rotas marítimas. Além disso, as viagens desses *nautai* possibilitaram encontrar grandes aventuras, descobertas sensoriais, inspiração e criatividade.

Os coríntios veem o Mediterrâneo como um espaço privilegiado de contatos comerciais e culturais. Desde o VIII século a.C., os helenos se utilizaram da navegação do Mediterrâneo para tentar suprir suas necessidades. E quais seriam essas necessidades? Jean-Nicolas Corvisier, em **Les Grecs et la Mer**, afirma que os helenos poderiam buscar novas terras férteis para o cultivo de cereais (colonização), procurar metais (ferro e estanho, por exemplo), policiar os mares (política *thalassocrática*) com o intuito de disseminar os seus produtos (a cerâmica coríntia e ática) (2008, p. 67-77).

A navegação do Mediterrâneo Ocidental abriu uma discussão rica entre diversos estudiosos: filólogos, arqueólogos e historiadores. As viagens de Odisseus podem ser interpretadas como indícios de viagens e reconhecimento, por parte dos helenos, do Mediterrâneo. Odisseus foi considerado um pré-colonizador e, seguindo a hipótese de E. Mireaux, Robert Aubreton afirma que:

[...] seria o poema da colonização coríntia nos mares do Ocidente, onde, nessas regiões difíceis, os habitantes de Córçira desempenham, para Corinto e seus aliados da Eubeia, o papel de barqueiros pilotos em direção às feitorias da Magna Grécia, fornecedores de estanho da costa ocidental italiana. (AUBRETON, 1956, p. 142; MALKIN, 1999, p. 249)

Provavelmente, Odisseus representava a preocupação de uma facção da aristocracia-guerreira voltada a promover e a implantar a “revolução *poliade*”. Nesse sentido, novas categorias sociais, tais como comerciantes e navegadores, irão buscar, além-mar, matéria-prima como o estanho, na costa tirrena da península itálica, para suprir a necessidade do metal (BONNARD, 1991, p. 64). O herói *polymetis*, conhecedor de várias técnicas e artimanhas, estimula os helenos a serem desbravadores, curiosos e astutos (DETIENNE, 2008, p. 30). Seguindo o exemplo de Odisseus, os navegadores helenos seriam vitoriosos em suas empreitadas na conquista do Mediterrâneo Ocidental.

Os navegadores que passassem por Corinto encontrariam dois grandes portos que conectavam a região do Istmo tanto ao Mediterrâneo Oriental, quanto ao Ocidental. O porto de *Kenchréai* estava voltado para o Golfo Sarônico, portanto, para o Oriente. Já *Léchaion* estava direcionado para o Golfo de Corinto, ao Ocidente. As trocas com as culturas orientais estimularam um profícuo debate sobre a arte grega. Segundo a Arqueologia, a arte, no século VII a.C., é caracterizada pelo estilo *orientalizante*. Portanto, os artesãos helenos incorporaram motivos assírios e hititas. No estilo de pintura protocoríntio, por exemplo, a representação do leão teve inspiração hitita (ÉTIENNE, 2000, p. 85). Contudo, no estilo coríntio de pintura, os pintores do Istmo inspiraram-se no leão assírio (PAYNE, 1931, p. 67). Os artífices coríntios importaram também do Oriente entidades sobrenaturais, tais como esfinges e *griffons* (BOARDMAN 1965, p. 48). Esses animais e seres fantásticos foram representados nos frisos dos vasos, principalmente durante o VII século a.C., entretanto, em meados do VI a.C., tais representações começam a escassear (COOK, 1991, p. 40). Parece-nos que os coríntios representavam o “desconhecido” e as situações novas com seres “estranhos” e, à medida que o conhecimento descortinava novas possibilidades, os temas fantásticos eram substituídos por outros, ou mais “maravilhosos” ou mais “realistas”.

O outro grande porto de Corinto, *Léchaion*, estava voltado para o Ocidente. Dele partiram as expedições que tiveram como objetivo fundar Cócira e Siracusa (colônias coríntias). Dessa forma, era crucial para a *pólis* dos coríntios controlar rotas e o comércio no Mediterrâneo Ocidental. Nessa região, os navegadores e artesãos disseminaram a cerâmica coríntia entre as elites etruscas (WILL, 1955, p. 528-30; GRAHAM, 1964, p. 33-4). Muitos exemplares foram encontrados nas tumbas de aristocratas

etruscos. A cidade-Estado de Caere, por exemplo, importou cerca de 40% das crateras coríntias com representação de banquete (LA GENIÈRE, 1988, p. 82-90). Esses artefatos representavam objetos de prestígio/status, pois eram depositados ao lado do leito do defunto, no interior da câmara funerária (BRIQUEL, 1999, p. 137-40). Os etruscólogos Bruno d'Agostino e L. Cerchiai defendem a hipótese de que os artesãos etruscos assimilaram certos esquemas pictóricos presentes nos vasos coríntios para pintar as paredes (afrescos) das tumbas dos aristocratas (D'AGOSTINO, 1999, p. 10). As temáticas do banquete e do *kômos* coríntios foram bastante apreciadas pelos pintores de tumbas etruscos.

Corinto, desde sua fundação até o período da Tirania dos Cypselidas (do VIII a meados do VI século a.C.), “exportou” seus vasos por meio do comércio e do rito de hospitalidade. Entretanto, a partir do início do VI a.C., veremos ocorrer uma crise desse comércio na região do Mediterrâneo Ocidental. Pouco a pouco, a cerâmica coríntia será substituída pela ática.

O espaço do ceramista e seu status na pólis

O principal centro de produção de vasos em Corinto foi o *Dêmos dos Oleiros*, localizado na *ásty*. Nesse *dêmos*, os arqueólogos encontraram um complexo arquitetônico onde estavam concentradas as oficinas dos ceramistas. Na rua onde estava localizado o prédio, foram achados vestígios da fortificação dos Cypselidas (SALMON, 1984, p. 101-102). Atrás do prédio, havia pátios com pequenas coberturas, poços para armazenamento e canais d'água (BROWNLEE, 2003, p. 181).

A tirania dos Cypselidas foi responsável pelo apoio ao comércio com a construção do *diolkos*, que permitia o transporte dos barcos do Golfo Sarônico ao Golfo de Corinto, por meio de uma via terrestre. Consistia em uma via de pedra, que tinha de 4,20m a 5,80m de largura e permitia arrastar os barcos de um ponto a outro (THÉOPHILOPOULOU, 1983, p. 96-7). Segundo o geógrafo Estrabão, o *diolkos* dava a Corinto importantes divisas, pois os comerciantes deviam pagar um pedágio para ter o direito de usar a via (**Geografia**, VIII, 6, 20). Assim, ficava mais fácil a viagem dos comerciantes que pretendessem vender seus produtos tanto no Oriente quanto no Ocidente.

Desde o período arcaico ao clássico, os textos explicitam críticas de certos grupos contra as atividades do artesanato e do comércio. Teógnis de

Mégara qualifica os comerciantes como *kakoí* (**Poemas Elegíacos** I, v. 30-5). Xenofonte, em sua obra **Econômico**, adjetiva pejorativamente o artesão como um *baunasós* (LÉVY, 1991, p. 18). De acordo com o filósofo e historiador ateniense, os artesãos não são bons amigos, nem bons guerreiros e cidadãos menores na *pólis* (XENOFONTE. **Econômico** IV, 1-3). Evidentemente que essa era a visão de alguns grupos, principalmente aqueles que possuíam ou valorizavam a riqueza oriunda da terra, muito receosos com o crescimento financeiro e político de artesãos e comerciantes nas *póleis* (XENOFONTE. **Memoráveis** III, 7, 6).

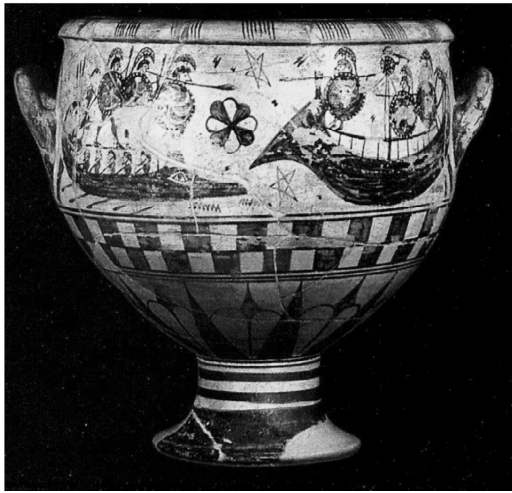
A olaria poderia ser vista como um local de embrutecimento, de calor, de suor e de deformações corpórea e espiritual (VIDALE, 1998, p. 50). Essa visão das elites aristocráticas de várias *póleis* não era unânime. O historiador Heródotos apontou a *pólis* de Corinto como aquela que menos desprezo tinha em relação às práticas artesanais (**Histórias**, II, 167). O poeta Anacreonte enalteceu a *teckné* do artesão ao gravar em uma taça os deuses e entidades mitológicas (**Odes**, XVIII).

Outra forma de atacar o grupo de artesãos estava relacionada a sua “origem” social: muitos deles eram *metecos* ou mesmo escravos (THEML, 2004, p. 249). O cidadão pobre de Corinto poderia, dessa forma, ter contato com outras culturas e experiências de vida. Por exemplo, em um período de crise, os artesãos podem deixar a sua *pólis* – a terra de seus ancestrais – e seguir em viagem para outro centro produtor de cerâmica. Gustave Glotz afirma que muitos pintores, em meados do VI século, foram atraídos para Atenas (1946, p. 132). Paul Cloché enfatiza que um grande número de ceramistas da Ática, após a Guerra do Peloponeso, temerosos com a crise na exportação, partem para a Itália meridional e lá fundam oficinas, bastante prósperas até o início do III século a. C. (1946, p. 168). No período que estamos estudando, muitos artífices helenos difundiram suas técnicas na Etrúria. Inicialmente eles se fixaram em *emporía* (entrepósitos comerciais), como a de Pithecussas, e difundiram toda a sua *métis* – astúcia, inteligência prática – entre os artesãos etruscos (COLDSTREAM, 1994, p. 52).

Uma cratera encontrada em Caere (cidade-Estado etrusca), atribuída ao pintor grego Aristonothos, pode ilustrar bem as viagens e contatos de artesãos helenos no Ocidente (Roma, Musei Capitolini). Esse artesão exercia seu ofício na Etrúria, em meados do VII século a.C. (DELLA FINA, 2000, p. 94). Na pança da cratera, podemos identificar duas naus em confronto. A nau da esquerda é etrusca, ágil, munida de remadores e de guerreiros prontos

para atacar a nau da direita. Essa é helena e comercial (BRIQUEL, 1999, p. 85). A cena da cratera reforça a ideia disseminada pelos gregos de que os etruscos praticavam a “pirataria”. Lembremos o **Hino Homérico a Dionisos** (I, 5-10): nesse relato, a divindade do êxtase é raptada por “piratas” etruscos. Dionisos puniu os *nautai*, transformando-os em golfinhos. Todas essas “imagens” literárias e pictóricas nos permitem vislumbrar as representações em torno do mar, da navegação, da “pirataria” e do comércio.

Cratera de Aristonothos



Os pintores e oleiros, ao exercerem sua *métis*, circulavam entre o mundo *poliade* e o mundo etrusco, de Corinto a Caere. Os pintores não ficavam confinados em suas oficinas – *eragsthérion* –, como afirmava enfaticamente Xenofonte. Eles viajavam pelo Mediterrâneo, percorriam a pólis (da *ásty* à *chôra*) em santuários, em salas de *symposía* (banquete) e entravam em contato com o Outro. Esse *Outro* poderia ser um comerciante foceu, um aristocrata etrusco ou mesmo a divindade à qual dirigia seus pedidos (Poseidon). A divindade marinha zelava pelos navegantes e tinha como atributos a mudança e a transformação. Assim sendo, em nossa concepção, Corinto e o Istmo constituíam uma região de encontros e de contatos, tanto culturais quanto comerciais. O Mediterrâneo representava uma grande “estrada” pela qual

percorriam comerciantes, navegantes, poetas e artesãos (MORAES, 2009, p. 77). Esse mar possibilitava trocas culturais e estimulava a inspiração e a criatividade necessárias, principalmente, para as atividades “artísticas”. Ao mesmo tempo, assinalou as diferentes respostas sociais que essas sociedades criaram diante da presença do *Outro*.

VOYAGEURS ET ARTISANS GRECS DANS LA MEDITERRANÉE OCCIDENTAL

Résumé: Notre but est de comprendre les contacts culturels entre les grecs et les étrusques à travers la circulation de la céramique. Voyageurs et artisans grecs ont disséminé des techniques et des thèmes de la peinture dans les ateliers étrusques. Nous irons étudier aussi les représentations créés par les poètes et les artisans sur la mer et la navigation.

Mots-clés: voyages; commerce; colonisation; artisanat; Corinthe.

Referências bibliográficas

- AUBRETON, R. **Introdução a Homero**. São Paulo: Faculdade de Filosofia – USP, 1956.
- BONNARD, A. Ulysse et la Mer. *In: Civilisation Grecque 1*. De L’Iliade au Parthénon. Bruxelles: Complexe, 1991.
- BRIQUEL, D. **La Civilisation Étrusque**. Paris: Fayard, 1999.
- BROWNLEE, A. B. Workshops in the Potters’Quarter. *In: WILLIAMS II*, Ch. K.; BOOKIDIS, N. (Org.) **Corinth XX**. Corinth The Centenary 1896-1996. The American School of Classical Studies at Athens, 2003.
- CLOCHÉ, P. **La Civilisation Athénienne**. Paris: Armand Colin, 1946.
- COLDSTREAM, J.N. Prospectors and Pioneers: Pithekoussai, Kyme and Central Italy. *In: TSETSKHLADZE, G. R.; DE ANGELIS, F. (Org.) The Archaeology of Greek Colonisation*. Oxford University Committee for Archaeology, 1994.
- COOK, R. M. **Greek Art: Its Development, Character and Influence**. London: Penguin Books, 1991 (1972).
- CORVISIER, J. N. **Les Grecs et la Mer**. Paris: Les Belles Lettres, 2008.
- D’AGOSTINO, B.; CERCHIAI, L. **Il Mare, la Morte, l’Amore**. Roma: Donzelli, 1999.

DELLAFINA, M. Chiusi: una Città Etrusca. **Archeo**: Attualità del Passato, 188, p.55-99, outubro de 2000.

DE MORAES, A. S. **A palavra de quem canta**: aedos e divindades nos períodos Homérico e Arcaico. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHC, 2009.

DETIENNE, M.; VERNANT, J.-P. **Métis**: as astúcias da inteligência. São Paulo: Odysseus, 2008 (1974).

GLOTZ, G. **História econômica da Grécia**. Lisboa: Cosmos, 1946 (1920).

GRAHAM, A. J. **Colony and Mother City in Ancient Greece**. Manchester University Press, 1964.

GRECO, E. **La Grande-Grèce**: Histoire et Archéologie. Paris: Hachette, 1996 (1992).

LA GENIÈRE, J. Les Acheteurs des Cratères Corinthiens. **Bulletin de Correspondance Hellénique**, 112, p.82-90, 1988.

MALKIN, I. Ulysse Protocolonisateur. **Mediterraneo Antico** – Economie, Società, Culture, II, 1, 1999.

MELE, A. **Il Commercio Greco Arcaico**: Prexis ed Emporie. Naples: Cahiers du Centre Jean Bérard/ Institut Français de Naples, 1979.

MORAES, A.S. **A palavra de quem canta**: credos e divindades nos períodos homérico e arcaico gregos. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PPGHC/ UFRJ, 2009.

SALMON, J. **Wealthy Corinth**: a History of the City to 338 b.C. Oxford: Clarendon Press, 1984.

SNODGRASS, A. **La Grèce Archaique**: le Temps des Apprentissages. Paris: Hachette, 1986.

THEML, N. Artesãos e *status* na *pólis* dos atenienses. **Phoînix**, 10, p.246-56, 2004.

THÉOPHILOPOULOU, M. **Le Développement Urbain de Corinthe de l'Époque Géométrique à 146 av. J.-C.** Paris: Université de Paris X - Nanterre, 1983.

VIDALE, M. Lavorare all'Ombra dell'Acropoli: il Mondo degli Artigiani nella Grecia Antica. **Archeo**: Attualità del Passato, v. 4, n. 154, abril de 1998.

WILL, E. **Korinthiaka**: Recherches sur l'Histoire de la Civilisation de Corinthe des Origines aux Guerres Médiques. Paris: E. de Boccard, 1955.